

LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO EM UMA PERSPECTIVA SOCIO-INTERACIONISTA

Autor (1): **Romênia Menezes Paiva Chaves**

Graduanda em Pedagogia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - romeniamenezes2@hotmail.com

Co-autor (1): **Thaís Oliveira Silva**

Graduanda em Pedagogia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - thaisoliveira727@gmail.com

Resumo

O presente trabalho consiste no recorte de uma pesquisa realizada no âmbito da graduação tendo por temática a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem oral em crianças da Educação Infantil. Objetiva, principalmente, salientar a relevância do estudo acerca da Linguagem Oral em crianças, bem como destacar a importância do outro nessa construção. Nesse sentido, toma como base a perspectiva interacionista, ancorando-se, principalmente, na abordagem histórico-cultural de L. S. Vigotsky e no dialogismo de M. Bakhtin e suas proposições para a pesquisa sobre processos humanos nas Ciências Sociais. Além desses, recorre à documentos oficiais, como os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEIs) que propõem, entre outros aspectos, o desenvolvimento integral da criança, o reconhecimento de seu papel social e o trabalho com as múltiplas linguagens – entre elas a Linguagem Oral. Finalmente, o estudo possibilitou ampliar e consolidar as concepções construídas sobre linguagem, linguagem oral, seu aprendizado e desenvolvimento.

Palavras-chave: Linguagem oral. Aprendizagem. Desenvolvimento. Educação Infantil.

1 Introdução

Adotando uma postura sócio interacionista e ancoradas em significativos aportes teóricos, temos por objetivos a esse trabalho: 1) discorrer sobre a relevância do estudo acerca da Linguagem Oral em crianças, entendendo essa como principal meio de trocas verbais e 2) destacar a importância do outro nessa construção de sentidos e significações da linguagem. Será visível nossa descrença na responsabilidade, individual, dos fatores biológicos e maturacionais para o desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo. Se outras espécies animais já nascem com o instinto natural de acompanhar seus pares, o homem, segundo Pino (2005), possui uma “insuficiência do nascer humano”, necessitando das relações sociais para desenvolver-se.

Dessa forma, nos contrapomos às concepções inatistas, principalmente no desenvolvimento histórico da nossa temática: a linguagem oral. Esta já é percebida em sociedade desde os tempos mais remotos, quando os homens primitivos, munidos da necessidade de comunicação relativa ao trabalho em que desempenhavam, se utilizavam de gestos e entonações com o intuito de serem compreendidos. Considera-se um avanço, o momento em que a comunicação – ou a palavra – passa

A pesquisa teve origem a partir de um trabalho acadêmico curricular.

a desprender-se das situações imediatas, evocando, além dessa, funções mentais superiores como a memória, a atenção e o raciocínio, por exemplo. Mesmo naquele contexto, ainda que não houvessem alocações verbais, conceitos ou palavras, propriamente ditas, a linguagem e a comunicação já eram concebidas em contextos sociais, a partir da interação e da troca com o outro.

Partindo dessa premissa, concordamos com Fontana e Cruz (1997, p. 57), remetendo ao que é defendido por Vygotsky, quando afirmam que “[...] tudo o que é especificamente humano e distingue o homem de outras espécies origina-se de sua vida em sociedade.” – podendo-se incluir nesse contexto, indubitavelmente, a linguagem – e com Geraldi (2003, p. 41) ao afirmar que além de ser uma expressão do pensamento e um instrumento de comunicação, a linguagem é forma de interação:

[...] mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

Além disso, é inconcebível o pensamento sem que haja a palavra, pois, todas as funções humanas, ou seja, todas as ações que distinguem os seres humanos de seres irracionais, são mediadas por palavras. Sem estas o pensamento se torna inviável (VIGOTSKI, 2007).

2 Revisão de Literatura

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEIs), como o próprio nome sugere, são documentos, elaborados a nível nacional, que norteiam o fazer pedagógico do educador infantil. Nele estão contidos diversos objetivos, dentre os quais um é essencial para a análise e constituição do trabalho vigente:

Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendida, expressar as ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva. (BRASIL, 1998, p. 68)

Como acima citado, os RCNEIs propõem a valorização e o trabalho com as múltiplas linguagens na Educação Infantil – sem que haja a valorização de uma sobre a outra –, concebendo, assim, esta fase da vida como espaço de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Além disso,

A pesquisa teve origem a partir de um trabalho acadêmico curricular.

está em concordância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394/1996, que afirma a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, com função de educar-cuidar de crianças de zero a cinco anos, com a finalidade de promover seu desenvolvimento integral, em ação complementar à da família. A integralidade do desenvolvimento da criança envolve, portanto, sua corporeidade, sua cognição, sua afetividade, sua socialização, sua ludicidade, suas múltiplas linguagens, dentre as quais, a linguagem oral.

Os RCNEIs propõem, ainda, o trabalho com as múltiplas linguagens “ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação”, trazendo à tona a necessidade de interligar as práticas pedagógicas com o meio social. De modo mais específico, a Linguagem Oral, por meio da verbalização de palavras, necessita do outro para constituir-se, pois é a ele que se dirige, como traz Bakhtin (2012, p. 116):

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado.

Porém, não basta apenas que o professor ensine palavras de modo desordenado e sem significações às crianças. Aliás, uma prática pedagógica nesse sentido, pode ser considerada como inconcebível, pois a palavra não existe sem o seu respectivo significado, vinculado a práticas do cotidiano. A esse respeito, Vigotsky (1993, p. 71) afirma que “Quando uma palavra nova é aprendida por uma criança, o seu desenvolvimento mal começou...” e, em outro estudo, que através do significado, fala e pensamento unem-se em pensamento verbal (Vigotski, 1993). Ambas afirmações do autor trazem à tona a ideia de que nenhum conhecimento – nesse caso, tratamos da linguagem, mais especificamente, a oral – se encerra no momento inicial do aprendizado, pois este além de requerer a mediação de outros atores sociais, modifica-se por meio das interações vividas.

3 Resultados e Discussões

Adotando a perspectiva sócio interacionista, compreendemos a aprendizagem e o desenvolvimento como processos, que ocorrem no meio social – e para ele – e têm como um dos elementos principais a mediação. No contexto da Educação Infantil, esse aspecto não deve ser ignorado nem mediante a defensiva de estímulo à autonomia da criança. É certo que o aluno

A pesquisa teve origem a partir de um trabalho acadêmico curricular.

necessita aprender a desenvolver muitas atividades sozinho, porém, ele precisa do outro para atingir determinadas capacidades.

Com a linguagem oral, o processo é semelhante: a criança aprende novas palavras através da mediação, dá significações mediante o contexto em que está inserida e torna-se capaz de se comunicar e ser compreendida, estando pronta para continuar a desenvolver-se, atingindo, cada vez níveis mais elevados. Vigotsky denomina o que o indivíduo já sabe como “Zona de Desenvolvimento Real” e o que ele vem a saber, posteriormente, através das interações, de “Zona de Desenvolvimento Proximal”: “o que é desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que a criança é capaz de fazer com assistência hoje ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (Vygotsky, 2007, p.98).

Dessa forma, o professor educador infantil possui papel essencial na vida da criança, devendo estar ciente de sua responsabilidade de agente formador, mediador e transformador. Suas práticas pedagógicas devem condizer ao público pretendido, não ignorando suas especificidades. A esse respeito, Leal, Leite e Albuquerque (2005, p. 117-118) exemplificam que, de maneira lúdica, a linguagem oral pode ser trabalhada de forma sistematizada, em sala de aula, sem que as crianças percebam que estão, de fato, “estudando”:

Quando cantamos músicas e cantigas de roda; ou recitamos parlendas, poemas, quadrinhas; ou desafiamos os colegas com diferentes adivinhações; estamos nos envolvendo com a linguagem de uma forma lúdica e prazerosa. Da mesma forma, são variados os tipos de jogos que fazem parte da nossa cultura e que envolvem a linguagem.

Adotando uma metodologia de ensino semelhante, contendo alguns dos elementos citados, ou equivalentes, ou, ainda, proporcionando momentos em que os alunos brinquem, espontaneamente – como em jogos de faz-de-conta, por exemplo – estaremos garantindo que a criança, ao passo que aprende brincando sobre a língua e seu funcionamento, é inserida, em concomitância, em processos de letramento, os quais compreendem os usos e funções sociais dos gêneros orais.

4 Conclusão

Reconhecer a aprendizagem e o desenvolvimento da criança como processos interligados e oriundos das relações sociais, pode ser considerado como o ponto de partida para a assunção de uma postura pedagógica, de fato, sócio interacionista. Nosso intuito não é, no entanto, descartar as

A pesquisa teve origem a partir de um trabalho acadêmico curricular.

contribuições que os teóricos maturacionistas fizeram em relação ao desenvolvimento humano. É, principalmente, destacar que, somente os processos biológicos não são suficientes para a construção do indivíduo.

Lopes e Vieira (2012, p. 27) sintetizam a abordagem adotada por nós, dizendo:

O desenvolvimento humano é um processo de construção social que se dá por meio das múltiplas interações que se estabelecem entre um indivíduo, desde seu nascimento, com outras pessoas, e particularmente com aquelas com as quais ele mantém vínculos afetivos. Essas interações ocorrem em ambientes organizados e modificados pelo grupo social imediato, conforme as concepções sobre o desenvolvimento e educação infantil, próprias da cultura desse grupo [...]

Portanto, é imprescindível que o educador infantil valorize os momentos de trocas estabelecidas pelas crianças, e, mais especificamente, que elas estabeleçam diálogos como meio de construção da linguagem oral. É urgente e necessário que professores, em formação inicial ou continuada, disponham de estudos que contemplem o eixo dessa linguagem – que, por muitas vezes, é subordinada em detrimento de outras – reconhecendo-a como meio de inserção em práticas sociais, sejam elas formais ou informais.

5 Referências

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed. São Paulo. Hucitec, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997

GERALDI, Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003.

LEAL, Telma; ALBUQUERQUE, Eliana B. C.; LEITE, Tânia Maria R. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). In: MORAIS, Artur; ALBUQUERQUE, Eliana B. C.; LEAL, Telma F. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica: 2005.

LOPES, Denise Maria de Carvalho Lopes; VIEIRA, Giane Bezerra. **Linguagem, Alfabetização e letramento: o trabalho pedagógico nos três primeiros anos do Ensino Fundamental e as**

A pesquisa teve origem a partir de um trabalho acadêmico curricular.

especificidades da criança. In MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. UFRN; CONTINUUM – programa de Formação continuada do professor para a educação básica. Curso de Aperfeiçoamento Infância e ensino fundamental de nove anos. **Módulo III – Linguagem, Alfabetização e Letramento**. Natal: UFRN-CONTINUUM, 2012.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski / Angel Pino. – São Paulo: Cortez, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Tradução de: Jefferson Luiz Camargo. Revisão técnica de: José Cipolla Neto.